

CULTURA E MULTICULTURALISMO: UM DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO¹

Maria Luiza Gomes Vasconcelos¹

Edna Lemes Martins Pereira²

A natureza dos homens é a mesma, são os seus hábitos que os mantêm separados.
Confúcio

RESUMO: o presente trabalho se propõe, a estudar algumas dimensões de cultura, bem como multiculturalismo, e a relação das mesmas com a educação, para melhor compreensão. Sendo assim far-se-á um breve estudo introdutório sobre determinados conceitos que permeiam o termo cultura, seguindo adentrar-se-á aos possíveis conceitos sobre multiculturalismos e diversidade cultural, por fim buscar-se-á percebê-las na educação, bem como no modo como se dá sua transmissão.

Palavras-chave: Cultura. Multiculturalismo. Educação. Sociedade.

CULTURE AND MULTICULTURALISM: A CHALLENGE FOR EDUCATION

ABSTRACT: This work proposes to study some aspects of culture and multiculturalism, and the relationship of those with education, for better understanding. So far it will be a brief introductory study on certain concepts that permeate the term culture following will enter the possible concepts of cultural diversity and multiculturalisms finally get will perceive them in education and the way how is your transmission.

Keywords: Culture. Multiculturalism. Education. Society.

INTRODUÇÃO: percorrendo alguns conceitos

Vários estudiosos têm se dedicado a estudos e pesquisas referentes à cultura por diferentes perspectivas, em busca de uma melhor compreensão da abrangência que o termo encerra. A discussão em torno da cultura é secular. O termo cultura ainda tem uma significação muito ampla, envolve todo processo de produção humana, bens materiais e simbólicos.

Para Laraia (2001, p. 13) “desde a Antigüidade, foram comuns as tentativas de explicar as diferenças de comportamento entre homens, a partir das variações dos ambientes físicos”. E para melhor compreender o tema em

¹ Mestre em Letras e Linguística pela UFG (2007) e Doutora em Educação pela PUC-GO (2015).

² Mestre em Educação pela PUC (2005) e Doutora em educação pela PUC-GO (2014).

questão, iniciar-se-á o trabalho falando um pouco da conceituação da palavra cultura, e mesmo o que é cultura, multiculturalismo e diversidade cultural. Para tentar esclarecer em parte a complexidade que permanece em torno dessa temática, a pesquisa foi realizada por meio de estudos de autores que debatem o tema, ora referenciando, ora aprofundando o assunto, tais como: Laraia (2001); Forquin (1993); Geertz (1989); McLaren (1997); Garcia et al (2010); Candau (2002); Bosi (1992); Chartier (1995); Arantes (1998), entre outros não menos importantes.

Conforme Heródoto (citado por LARAIA, 2001) se fosse oferecido aos homens a alternativa de escolher entre os costumes do mundo, ‘aqueles que lhes parecessem melhor’, ao analisarem o todo terminariam por optar pelos seus próprios costumes, por já estarem convencidos de serem estes os melhores.

O ser humano pode ser considerado, por definição, um ser cultural, pois dotado de uma inquietação basilar (um espanto, um assombro, uma curiosidade) diante da sua própria natureza, da sociedade na qual está inserido, e de tudo que está a sua volta, o mesmo conserva-se em busca de soluções para os enigmas e dificuldades da vida. E é ao construir a sua cultura, as diferentes culturas, que a humanidade constrói a si mesma, num processo dinâmico e dialético.³

De acordo com a definição de Alfredo Bosi (1992, p. 319), “a cultura é o conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social”, e o que se torna efetivo no conceito de cultura é o seu relevância enquanto plural.

Pelo termo *cultura* entende-se uma herança de valores e objetos compartilhados por um grupo humano relativamente coeso, ou seja, um conjunto de experiências e realizações humanas que caracterizam uma sociedade.

Edward Tylor foi o primeiro a definir cultura do ponto de vista antropológico, e ainda buscou demonstrar que a cultura pode ser um elemento

³ Algumas definições foram retiradas de: VASCONCELOS, Maria Luiza Gomes. O imaginário popular expresso em narrativas orais porangatuense. (Dissertação de Mestrado). Goiânia: UFG, 2007.

de investigação e estudo ordenado, por se tratar de um fenômeno natural e possuir causas e regularidades. Em Tylor (citado por LARAIA 2001) nota-se que sua inquietação é mais do que a diversidade cultural, de sua maneira preocupa-se com a igualdade na humanidade, para ele a diversidade é resultado da desigualdade de ‘estágios existentes’ no processo evolutivo. Predominando assim, neste e vários outros estudos, a ideia de que a cultura desenvolve-se de maneira uniforme e demarca o dito progresso da sociedade, comparando-a com culturas consideradas mais, ou menos evoluídas.

Conforme Bosi (1992, p. 309), a cultura erudita é concentrada no sistema educacional, e a cultura popular é basicamente iletrada, correspondendo às atividades materiais e simbólicas do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e também do homem suburbano que ainda não assimilou os costumes urbanos.

O conceito de cultura defendido por Geertz (1989) é essencialmente semiótico, como o próprio autor diz ao afirmar que:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo estas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 1989, p. 04)

Sendo assim percebe-se que a cultura não é apenas um ornamento da existência humana, e sim uma condição essencial para essa existência.

De acordo com Arantes (1998, p. 7), “cultura popular está longe de ser um conceito bem definido pelas ciências humanas e especialmente pela Antropologia social, disciplina que tem dedicado particular atenção ao estudo da cultura”. São muitos os significados e bastantes heterogêneos e variáveis os eventos que essa expressão engloba.

Ainda segundo Arantes (1998), averigua-se que a cultura expede a um vasto espectro de compreensões e pontos de vistas diversificados que vão desde a negação (implícita e explícita) de que os fatos por ela identificados contenham alguma forma de saber, até ao extremo de atribuir-lhe o papel de resistência contra a dominação de classe.

A cultura significa, entre outros, o modo de vestir, falar, andar, olhar, que revelam nossas particularidades tanto pessoais quanto sociais, o nosso

grau de instrução, nossa origem geográfica, o período em que vivemos, a nossa visão de mundo. A cultura é plural, ou seja, cada cultura é possuidora de várias facetas por ser dinâmica e mutável, e a mesma se diferencia de outras culturas por estar vinculada a diferentes grupos sociais, separados no tempo e no espaço. Segundo Bosi (1992), elementos culturais não possuem significados se trabalhados individualmente, os significados culturais não são compreendidos por meio de contemplação passiva ao objeto significante, mas sim com referência ao universo de significados que os grupos possuem.

Arantes (1998) afirma que essa diversidade cultural que se desenvolve em processos históricos variados é o lugar privilegiado da cultura, uma vez que, sendo em grande medida arbitrária e convencional, ela constitui os diversos núcleos de identidade dos vários grupos humanos, ao mesmo tempo em que os diferencia uns dos outros. Pertencer a um grupo social significa compartilhar um modo particular de comportar-se em relação aos outros e à natureza.

A cultura se forma na relação com as outras culturas: se o homem é um ser cultural e só se constitui enquanto homem no diálogo e no conflito com a natureza e com os outros homens, cada cultura, por sua vez, só se constitui enquanto tal na sua relação conflitante e dialogada com as outras culturas.

A cultura na qual vivemos, assim como as múltiplas culturas, tem como aspectos predominantes o coletivo, o saber oficializado pela escola e pelas demais instituições, a ciência, a organização burocrática, os objetos de uso e de consumo, a propriedade, etc. Embora haja uma desvalorização do sentido de grupo e de coletividade, do saber da arte, os objetos mágicos e ritualísticos dos credos e produzidos a partir dos elementos diretamente recolhidos na natureza, o trabalho em mutirão e associados a festas e aos calendários, tais práticas e costumes são determinados por razões históricas e sociológicas. O valor individual na cultura popular é diluído no coletivo, não há uma divisão clara entre as esferas materiais, simbólicas e intelectuais.

Laraia (2001, p. 101) conclui que:

Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessária saber entender as

diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo porvir.

No tópico a seguir será tratado de algumas definições, ou mesmo conceitos, no que concerne ao multiculturalismo, como se dá e à diversidade cultural. Por ser uma palavra relativamente atual, ainda tem se dúvidas, da mesma forma que a palavra cultura gerou e ainda gera variações, no que diz respeito à conceituação, embora não se deva preocupar demasiadamente com uma nomenclatura em si, mas como se apresenta e pode ser exposta no currículo escolar.

O MULTICULTURALISMO E A DIVERSIDADE CULTURAL

Conforme Brandim e Silva (2008) para falar sobre multiculturalismo faz-se importante explicitar de modo claro o sentido atribuído ao termo, bem como as concepções teóricas que o fundamentam. O multiculturalismo pode ser considerado uma estratégia política de reconhecimento e representação da diversidade cultural, e não há como ser concebido separado dos conjuntos das lutas dos grupos tidos como oprimidos culturalmente. O movimento, politicamente, pondera sobre a indigência de redefinir conceitos como cidadania e democracia, relacionando-os à afirmação e à representação política das identidades culturais subordinadas. Como corpo teórico discute os conhecimentos produzidos e transmitidos pelas instituições escolares, corroborando etnocentrismos e estereótipos nomeados pelos grupos sociais dominadores que terminam por silenciar outras visões de mundo.

Os estudos acerca dos fenômenos culturais surgem da necessidade de apreensão das estruturas de poder que regulam e autorizam alguns discursos e outros não, colaborando, dessa forma, para fortalecer certas identidades culturais em detrimento de outras.

A abordagem culturalista examina a linguagem e o poder, de forma particular, em termos de como a linguagem é usada para moldar identidades sociais e assegurar formas específicas de autoridade. Hodiernamente, pode se considerar, os estudos culturais como uma área reconhecida e praticada. Esse campo de conhecimento enfoca as estratégias e políticas de formação de

identidades sociais, as dinâmicas de funcionamento do cinema, televisão e revistas populares, os estudos sobre a mulher e a teoria de raça e gênero, as noções de subjetividade, política, gênero e desejo, além de estudos afro-americanos, latinos, e de culturas indígenas.

O multiculturalismo se destaca como uma das inquietações dos Estudos Culturais. A multiplicidade de culturas e a pluralidade de identidades, em face de relações de poder assimétricas, geram a necessidade de questionar e desafiar práticas silenciadoras de identidades culturais. Particularmente, as questões de racismos, machismos, preconceitos e discriminações, tão importantes para a escola e o currículo, só podem ser analisadas produtivamente sob uma perspectiva que leve em conta as contribuições dos Estudos Culturais. (BRANDIN e SILVA, 2008).

O interesse pelos enfoques multiculturalistas vêm crescendo no Brasil, isso se deve às orientações e reformulações pelas quais o sistema educacional passou e continua passando, bem como a revisão teórica em torno dessas questões abalizarem para um entendimento escolar considerando o caráter étnico e cultural da sociedade plural.

Sabe-se que ainda têm-se problemas, e não poucos, em relação ao trabalho desenvolvido na escola com enfoque multicultural. Embora se tenha acontecido uma gama de debates, seminários e discussões acerca do tema, os educadores sentem-se perdidos em relação à prática, isso se deve a diversos fatores, que poderiam ser discutidos por longos anos a fio. Para que se tenha uma visão, mesmo que de forma breve, sobre como essa relação na e com a educação, traçar-se-á, de forma concisa, um estudo a seguir.

EDUCAÇÃO E CULTURA

Boa parte do pensamento moderno pedagógico alimentou-se do entendimento de cultura como monocultura, sendo assim esperava-se que a educação civilizasse o homem, a fim de deixá-lo prudente para ser aceito na sociedade.

Para Forquin (1993, p. 09) “de todas as questões suscitadas pela reflexão sobre os problemas da educação desde o começo dos anos 60, as que se referem à função de transmissão cultural da escola são, ao mesmo

tempo, as mais confusas e as mais cruciais”. Isto, segundo o autor, se deve a falta de legitimidade do tema ensinado: “(...) ninguém pode ensinar verdadeiramente se não se ensina alguma coisa que seja verdadeira ou válida a seus olhos”. (FORQUIN, 1993, p. 09).

Consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN - (BRASIL, 1997) que, no plano internacional, o Brasil tem participado de eventos importantes, como a Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em Jomtien, na Tailândia, em 1990, convocada por organizações como UNESCO, UNICEF e Banco Mundial. O País também é signatário da Declaração de Nova Delhi - assinada pelos nove países em desenvolvimento de maior contingente populacional - em que se reconhece a educação como instrumento proeminente de promoção dos valores humanos universais, da qualidade dos recursos humanos e do respeito pela diversidade cultural. (BRANDIN e SILVA 2008)

Conforme o discurso oficializado, na educação para a cidadania é indicada a capacidade de convivência com a cultura do outro. Ao incluir a Pluralidade Cultural como Tema Transversal nos Parâmetros (BRASIL, 1998) avança um passo importante em prol de uma proposta educacional e curricular multiculturalista, na medida em que reconhece o valor da pluralidade e a diversidade cultural, bem como a necessidade da formar para a cidadania com base no respeito às diferenças.

As políticas de ações afirmativas para negros/as, ganharam relevância na sociedade brasileira nos últimos anos na demanda por ações reparatórias. Visam que o Estado e a sociedade tomem medidas para ressarcir os/as descendentes de africanos, dos danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais sofridos sob o regime escravista. A exigência de tais políticas é luta histórica do Movimento Negro no Brasil, e tem por objetivo eliminar desigualdades historicamente acumuladas. (MEC-SECAD, 2006).

A inclusão da temática de história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares, instituído pela Lei Federal 10.639/2003, propõe ampliar a discussão da diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. A inserção do estudo, proposto pela referida lei, diz respeito à desconstrução da história tradicional de constituição da sociedade brasileira, alicerçada no “mito

da democracia racial”, contribuindo assim para combater as desigualdades culturais e para contemplar a diversidade.

Candau (1997) assegura que ocorreu um crescimento, nos últimos anos, de encontros, seminários e congressos acerca de temas relacionados à globalização, pluralismo cultural, identidades sociais e culturais entre outros. O marco para o início dos debates nos foros educacionais universitários deu-se numa das reuniões anuais da ANPED. Ela relata que, “(...) em 1995, pela primeira vez, foi realizada uma sessão especial sobre o tema multiculturalismo e universidade. Os participantes fomos testemunhas das reticências e reservas que o tema suscitou no debate” (CANDAU, 1997p. 241).

A educação de um modo geral e, mais especificamente, a escola e os professores são vistos como representantes de esperança futura, sendo pressionados a repensar o seu papel diante das transformações em curso, as quais demandam novo saberes, novas competências, e um novo jeito de pensar e de agir, enfim, um novo perfil de formação do cidadão, embora se saiba que a cultura dominante é imposta à maioria e considerada legítima.

As agências internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU) via Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e o Banco Mundial, por causa das aceleradas mudanças, se encarregam de movimentar os países-membros em volta da discussão sobre educação, tolerância e respeito à diversidade cultural.

O pensamento pedagógico atual, como assevera Forquin (1993), não pode deixar de refletir sobre a questão da cultura e dos elementos culturais das diversificadas escolhas educativas, pois poderão correr o risco de tornarem-se superficial.

Toda reflexão sobre a educação e a cultura pode assim partir da idéia segundo a qual o que justifica fundamentalmente, e sempre, o empreendimento educativo é a responsabilidade de ter que transmitir e perpetuar a experiência humana considerada como cultura (...) ao longo dos tempos, pode aceder a uma existência “pública”, virtualmente comunicável e memorável, cristalizando-se nos saberes cumulativos e controláveis, nos sistemas de símbolos inteligíveis, nos instrumentos aperfeiçoáveis, nas obras admiráveis. (FORQUIN, 1993, p. 13-14)

Assim sendo, considerar a pluralidade cultural no campo da educação sugere refletir modos de conhecer e reconhecer, apreciar e congregar as identidades plurais em políticas e práticas curriculares. Ainda pode-se pensar que constitui desse modo, refletir acerca mecanismos discriminatórios que negam voz a diferentes identidades culturais, emudecendo manifestações e conflitos culturais, bem como, procurando transformá-las em homogêneas numa perspectiva tida como monocultural.

Embora o discurso oficial apresente-se de modo eficaz, sabe-se na realidade essa aparência se difere de modo aparente. Forquim (1993) afirma entre vários outros estudiosos, que esta cultura que se tornou oficial representa o interesse de classes, ocorre sempre uma seleção no interior da cultura, escolhe-se, conforme o interesse de uma minoria, o que será transmitido, sempre submetida às “relações de força simbólicas”. Sendo assim, mais verdadeiramente reconhece ser transmitidos “elementos de cultura”, enquanto que outra parte acaba designada ao esquecimento por parte da memória.

Para Forquin (1993, p. 15): “A escola não ensina senão uma parte extremamente restrita de tudo o que constitui a experiência coletiva, a cultura viva de uma comunidade humana”. E assim, nota-se que, apenas, uma parte consideravelmente pequena da cultura se destina a transmissão formal e intencional. Necessita-se, ainda, de mais discussão em torno do tema, bem como a escolha do que pode ser considerado relevante, não para a minoria, e sim para a maioria, e mais ainda, há que se buscarmos também as melhores formas de transmiti-los.

A dificuldade de definir cultura e como ensinar, talvez se deva ao fato de a mesma, na modernidade, como dizia Forquin (1993), ter perdido seu norte, e cada vez mais incapaz de ser legitimada. O currículo escolar parece estar mais engessado com o passar do tempo, não acompanha o ritmo acelerado das mudanças na sociedade, e quem sabe um desejo de ‘negação da tradição’.

Discutir esses conceitos, e mesmo tentar compreendê-los é bem mais complexo do que se imagina, existe variados estudos sobre, e ainda assim, é um tema a ser questionado, interrogado e quem sabe compreendido. Sabe-se que um dos papéis inerentes à escola é proporcionar o aprendizado aos

alunos, bem como transmitir-lhes os saberes desde a antiguidade ao momento contemporâneo, todavia, o que realmente ocorre, é que, como vimos anteriormente, há uma seleção das informações a serem passadas, e o critério que as engloba, nem sempre é convincente. A perspectiva da cultura como mecanismo de controle inicia-se como pressuposto de que o pensamento humano é tanto social como público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Antônio Augusto. *O que é cultura popular*. 14 ed. São Paulo:

rce – Revista Científica de Educação, Inhumas, v. 1, n. 1, p. 131-141, dez. 2016

Brasiliense, 1998.

BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRANDIM, Maria Rejane Lima; SILVA, Maria José Albuquerque da. Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural *Diversa*: Ano I - nº 1: pp. 51-66: jan./jun. 2008.

BRASIL. Temas Transversais. Ministério da Educação. 1997 Disponível em: portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf. Acesso em 10/01/2013.

BRASIL. Temas Transversais. Ministério da Educação. 1998 Disponível em: portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/transversais/pdf. Acesso em 10/01/2013.

CANDAU, V. M. Pluralismo cultural, cotidiano escolar e formação de professores. In: CANDAU, V. M. (Org.). *Magistério: construção cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CHARTIER, Roger. *Cultura popular*: revisitando um conceito historiográfico. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 08, n. 16, 1995, p. 179-192. Disponível em: www.cpdoc.fgc.br/revista/arq/172.pdf. Acesso em: 20 jan. 2013.

FORQUIN, Jean Claude. *Escola e cultura*: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GEERTZ, Cliford. *A interpretação da cultura*. São Paulo: LTC, 1989.

LARAIA, Roque. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.

MOREIRA, A. F. B. Os Parâmetros Curriculares Nacionais em questão. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre: EDUFRS, vol. 21, nº 1, jan/jun 1996.